



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

LA GUERRE DES BOUTONS/ 1962

A Guerra dos Botões

Um filme de Yves Robert

Realização: Yves Robert / **Argumento:** François Boyer e Yves Robert a partir do romance homónimo de Louis Pergaud / **Fotografia:** André Bac / **Direção Artística:** Pierre-Louis Thévenet / **Montagem:** Marie-Josèphe Yoyotte **Música:** José Berghmans / **Som:** Pierre Calvet / **Atores:** André Treton (Lebrac); Martin Lartigue (Petit Gibus); Michel Isella (Aztec); François Lartigue (Grand Gibus); Pierre Tchernia (Bédouin); Paul Crauchet (Touegueule); Pierre Trabaud (professor); Jacques Dufilho (pai do Aztec); Michèle Méritz (mãe do Aztec); Yvete Etiévant (mãe do Lebrac); Jean Richard (pai do Lebrac); François Boyer (padre) **Produção:** Danièle Delorme / **Direção de Produção:** Léon Carré / **Produtora:** Les Productions de La Guéville (Paris) / **Cópia:** digital, legendagem electrónica em português / **Duração:** 93 minutos / **Estreia Mundial:** 18 de Abril de 1962, França / **Estreia em Portugal:** 4 de Março de 1963



“Se soubesse, não teria vindo” diz repetidamente o “Petit Gibus”, na deixa mais icónica e terna do filme. Nós diremos que só não veio quem não sabe (nem imagina) a delícia que é este filme, do ator e realizador Yves Robert.

Na “guerra” entre os jovens das aldeias de Longverne e Velrans, com exceção de algumas escoriações, as principais baixas são os botões e a moral dos “soldados”, e não faltam soluções imaginativas para batalhas sem perdas.

La Guerre des Boutons (A Guerra dos Botões) é uma adaptação ao cinema do romance homónimo de Louis Pergaud, escritor conhecido pelo seu antimilitarismo e que ironicamente veio a morrer no campo de batalha, na Primeira Guerra Mundial. Escrito em 1912, o romance de Pergaud teve até hoje cinco adaptações ao cinema, a primeira de 1936 realizada por Jacques Daroy; a segunda, a de Yves Robert; uma versão irlandesa de 1995, realizada por John Roberts; e dois filmes ambientados na França ocupada dos anos quarenta, ambos realizados em 2011, respetivamente por Yann Samuël e Christophe Barratier. Comum entre todos, talvez só o coração dramático da história, escaramuças entre jovens e muitos botões perdidos.

Comédia antimilitarista, o filme de Yves Robert encena em versão “infância” os desmandos da guerra. Por detrás da literalidade das brincadeiras bélicas, que em dimensão menos cinematográfica terão feito parte de muitas infâncias, insinua-se uma sátira à guerra, enquanto brincadeira trágica de crianças grandes. Mas o filme não é só um retrato entre o realístico e o metafórico das escaramuças infantis, há nele um olhar sobre a profunda incomunicabilidade entre pais e filhos, sobre as relações de poder e a violência dentro de portas, transposta depois para as relações hierarquizadas entre colegas e para a violência contra o grupo rival. Lebrac e Aztec, os líderes dos grupos de Longverne e Velrans, partilham uma história de vida, são ambos filhos de pais autoritários e não seria difícil imaginá-los juntos no final com um outro filho mal-amado da história do cinema, Antoine Doinel (*Les 400 Coups* |Os Quatrocentos Golpes, de François Truffaut).

Se a trama diverte e faz pensar, a imagem tem um poder encantatório que escapa a qualquer descrição. Filme de exteriores, de natureza e de movimento, combina o encanto nostálgico das paisagens campestres, dos animais, dos ritmos lentos do campo com a aceleração e a energia natural das crianças, que se movem quase sempre em corrida. Um cartaz na escola situa-nos em 1961, mas tudo o mais nos puxa para tempos mais recuados, efeito a que não será alheia a liberdade e a infância não vigiada daquelas crianças, a intemporalidade do preto e branco e o recorte pitoresco e “*tatiano*” de personagens como o padre ou o carteiro.

Talvez não por acaso, o filme foi realizado durante a guerra da Argélia e, talvez também por isso, não foi fácil financiá-lo. Para não deixar morrer o projeto, o realizador e a mulher, a atriz Danièle Delorme, criaram uma produtora, mas os entraves não ficaram por aí. Finda a rodagem nenhuma distribuidora francesa se interessou pelo filme. Yves Robert viu-se, então, obrigado a recorrer aos ofícios dos americanos da Warner Bros, que aceitaram o desafio sem grande entusiasmo. Ninguém previa o enorme sucesso que o filme veio a ter, nem mesmo o realizador que puxou a carroça em esforço até ao último minuto. Com uma espetacular bilheteira de dez milhões de espectadores, o filme foi também muito bem recebido pela crítica e ganhou o Prémio Jean Vigo em 1962.

Já popular como ator, este foi o primeiro grande êxito de Yves Robert como cineasta, a que se seguiram outros, três deles também relacionados com a infância. Falamos de *Bébert et l’Omnibus* (1963) com Martin Lartigue, o inesquecível “Petit Gibus” e falamos também de *La Gloire de Mon Père* (1990) e de *Château de Ma Mère* (1990), dois filmes baseados na infância e nos romances homónimos do dramaturgo e cineasta Marcel Pagnol. Tudo dito, é certo que a propósito deste filme o “Petit Gibus” nunca diria “*Se soubesse, não teria vindo*”.

Carla Simões